



A MEDIAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO PROCESSO INCLUSIVO DE APRENDIZAGEM NO ÂMBITO DA CLÍNICA

Clara Viviane Marques de Macedo Moura ¹

Jânio Alexandre de Araújo ²

Bárbara Campos Gines Lorena de Souza Gomes ³

Alexandre Aparecido da Silva Souza ⁴

RESUMO

Este artigo se originou de inquietações concernentes a mediação do psicopedagogo no âmbito da clínica na dimensão da inclusão. Para as nossas análises transitamos na relação teoria/prática, estabelecendo um diálogo com os autores como: Porto (2005), Bossa (2000), Fernández (1990), Fonseca (1995), Piaget (1983), entre outros autores. A reflexão da mediação do psicopedagogo implica focar o trabalho, tendo como centro a importância das suas metodologias utilizadas corretamente. Como procedimentos metodológicos desenvolvemos: estudo bibliográfico concernentes a partir das teorizações acerca do tema com a finalidade de obter uma fundamentação teórico-metodológica, avaliações diagnósticas. Assim, consideramos o estágio supervisionado clínico como instrumento primordial para a nossa formação enquanto futuros psicopedagogos, já que este por sua vez nos possibilitou uma experiência para a realização deste trabalho, favorecendo um olhar crítico e reflexivo sobre essa contribuição, considerando que o contato com a realidade dos aprendentes, viabiliza ao futuro psicopedagogo torná-lo um profissional consciente como mediador nesse processo.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Aprendizagem. Mediação

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de indagações feita ainda nos debates realizado curso de especialização Psicopedagogia com ênfase em educação inclusiva, e as vivências no período do estágio clínico. Após ter tido a oportunidade de adentrar na sala de atuação do psicopedagogo clínico e perceber quais eram as suas estratégias metodológicas para os sujeitos que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Sendo assim o nosso trabalho busca compreender a mediação do psicopedagogo no processo de aprendizagem no âmbito da clínica.

¹ Especialista em Educação Inclusiva (FACEN); Lic. Em Pedagogia (UFRN), clara.viviane@hotmail.com;

² Especialista em Educação Inclusiva (UNINTER); Lic em Pedagogia (UNINASSAU); janioaraujori@gmail.com

³ Especialista em Libras (UNICAN); Lic em Espanhol (IFRN). gines.barbara@hotmail.com

⁴ Professor orientador: Especialista em Educação Especial (UNIASSELVI), alexandresouza7@outlook.com.



Para as nossas análises transitamos na relação teoria/prática, estabelecendo um diálogo com os autores como: Porto (2005), Bossa(2000), Fonseca(1995), Fernández (1990), Piaget(1983); entre outros autores

A reflexão da mediação do psicopedagogo implica focar o trabalho, tendo como centro a importância das suas metodologias utilizadas corretamente. Entrelaçando a prática e a teoria, buscamos compreender quais são as maiores dificuldades em relação a aprendizagem dos sujeitos. Haja vista que estes necessitam de um olhar diferenciado no momento da intervenção pedagógica. Muitas vezes a professora da sala de aula não consegue identificar qual seria a maior dificuldade presente naqueles aprendentes por esse motivo que há uma queixa inicial por parte do pedagogo ou da família.

A psicopedagogia visa buscar uma resposta para alguns conflitos que são gerados no momento da aprendizagem com técnicas de trabalho para estimular a vontade de aprender, observando fatores que, possivelmente, contribuem ou não para esse processo de ensino-aprendizagem.

O motivo que impulsionou a nossa investigação foi, de fato a mediação psicopedagógica voltada para a dificuldade de aprendizagem encontrada nos sujeitos. Vale ressaltar, que as mediações psicopedagógicas precisam atender as necessidades que são maiores para cada área de aprendizagem, seja na leitura, na escrita, nos cálculos matemáticos ou na oralidade. Ou seja, o psicopedagogo busca solucionar as dificuldades que são “gritantes” naquele momento.

METODOLOGIA

Como procedimentos metodológicos desenvolvemos: estudo bibliográfico concernentes a partir das teorizações acerca do tema com a finalidade de obter uma fundamentação teórico-metodológica, avaliações diagnósticas. Assim, consideramos o estágio supervisionado clínico como instrumento primordial para a nossa formação enquanto futuros psicopedagogos, já que este por sua vez nos possibilitou uma experiência para a realização deste trabalho, favorecendo um olhar crítico e reflexivo sobre essa contribuição, considerando que o contato com a realidade dos aprendentes, viabiliza ao futuro psicopedagogo torná-lo um profissional consciente como mediador nesse processo.

REFERENCIAL TEÓRICO



Antes de adentrarmos no núcleo do trabalho é interessante fazermos um passeio teórico sobre nosso público alvo, a criança e suas dificuldades de aprendizagem, assim podemos encontrar as problemáticas significativas para a discussão.

A criança desde o seu nascimento perpassa por algumas fases de aprendizagem de conhecimento. Entender essas fases é de extrema importância para compreender como a criança aprende. Neste artigo nos atentaremos para o processo de aprendizagem voltada para área da leitura e da escrita. Ao tomarmos como referencia os trabalhos pioneiros feitos por Ferreiro e Teberosky (FERREIRO,1986,1993; FERREIRO E REBEROSKY,1979) salientam que o processo de alfabetização precisa ser visto a partir de uma nova perspectiva e que se possa corroborar com as experiências dos profissionais que atuam na educação. Para alguns educadores é fundamental abandonar as cartilhas tradicionais, pois não trazem consigo um significado para a vida dos alfabetizandos, mas, especialmente porque nesses tipos de materiais a aprendizagem ficaria voltada para o domínio de mera técnica de transformar os sinais gráficos em sinais sonoros não buscando uma reflexão da escrita por parte do aprendiz.

Com essa nova perspectiva de aprendizagem voltada para a língua escrita , os aprendentes por sua vez criam hipóteses para que servem os diversos tipos de textos que circulam no meio da comunidade. O papel do psicopedagogo seria tornar atraente esse processo de alfabetização para as crianças, pois em alguns momentos no período do estágio supervisionado clínico percebemos que há presente uma baixa autoestima por parte delas. Se sentindo incapaz de aprender. Conforme Ferreiro (1993, p. 47) :

A alfabetização passa a ser uma tarefa interessante, que dá lugar a muita reflexão e muita discussão em grupo. A língua escrita se converte num objeto de ação e não de contemplação. É possível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la. É precisamente a transformação e a recriação que permite uma reação apropriada.

Com base nos nossos estudos, podemos perceber que nem a apropriação dos sistema alfabético é visto como um processo mecânico de memorização e de correspondências grafossônicas e nem a sua apropriação seria suficiente como uma garantia de que o aprendiz seria capaz de ler ou de produzir textos.

O processo de aprendizagem da escrita, não ocorre de maneira fácil e as crianças que não conseguem acompanhar o nível da turma, normalmente nos próximos anos irão enfrentar dificuldades voltadas para a escrita. São inúmeros fatores que contribuem para essa realidade,



mas não buscamos aqui discutir essas questões que é algo complexo e antigo. A ideia deste artigo é contribuir para que futuros psicopedagogos criem situações metodológicas que busquem estimular o aprendente a interação com a língua escrita de maneira significativa e reflexiva.

Normalmente se o psicopedagogo for fazer uma avaliação da escrita, o aprendente deve escrever da maneira que ele sabe. Ou seja, a sua escrita espontânea. Deve se avaliar inicialmente o que foi escrito e não os erros de português.

Segundo Fonseca (1995, p.128)

A aprendizagem é, portanto, uma função do cérebro. Não há uma reação específica do cérebro que seja exclusivamente responsável pela aprendizagem. A aprendizagem é um resultante de ações complexas neurofisiológicas. Tais operações associam, combinam e organizam estímulos com respostas, assimilações com ações, gnosias com práxias, etc.

Na verdade o processo de aprendizagem é algo complexo. Como afirma Fernández (1991, p. 108) “A aprendizagem é um processo que intervém a inteligência, o corpo, o desejo, o organismo, articulado a um determinado equilíbrio” Assim, cabe ao psicopedagogo buscar estratégias de aprendizagem que facilitem a acomodação desses conteúdos que em alguns momentos são complexos para o educando.

Todo profissional que busca trabalhar com crianças sabe que é indispensável ter um espaço e um tempo para que a criança possa brincar. Dessa maneira ela consegue se comunicar e revelar algumas inquietações não vista anteriormente

Conforme Weiss (2002, p.73)

No trabalho psicopedagógico, chega-se as mesmas conclusões, quer seja no diagnóstico, quer no tratamento. Empregamos a palavra lúdico ao longo do texto no sentido de processo de “jogar”, “brincar”, “representar” e “dramatizar” como condutas semelhantes na vida infantil.

A criança por meio da brincadeira representa os papéis sociais e demonstra ainda o seu comportamento no momento de brincar, se é agressiva ou se fica recuada ou se as suas dramatizações são voltadas para as características da vida dela.

A neurocientista Suzana Herculano – Houzel, em seu estudo de 2009, nos diz que o modelo do cérebro humano inclui 86 bilhões de neurônios e cerca de um quatrilhão de sinapses, que permitem nossas conexões neurais.

A partir desse momento que entramos em contato com algum estímulo externo, o cérebro começa a trabalhar de forma intensa para dar uma resposta; intensa, ou seja, mais rápida. A informação viaja assim pelos nossos neurônios a uma velocidade de 360km/h. A



resposta varia para cada pessoa, de acordo com a experiência cerebral de cada um. E as nossas sensações tem uma responsabilidade primordial para o processamento de aprendizagem.

A psicanálise por sua vez trás contribuições teóricas para a área educacional e promove uma reflexão ética em torno da pratica pedagógica. Por conseguinte, não pode ser limitada a um conjunto de prescrições, de procedimentos, de técnicas ou de ações pedagógicas, pois entende o processo de ensino e aprendizagem construído nas relações do ser como meio, em um complexo contexto intersubjetivo. A subjetividade do aprendiz, o papel do professor e a relação entre ambos, aparecem como elementos essenciais para uma leitura psicanalítica da aprendizagem. A psicanálise também pode contribuir numa relação de aliança com a área educacional, no tratamento e educação de crianças psicóticas e autistas.

Para Vygotsky a aprendizagem é um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. Ele a relaciona com a diferença entre o que a criança consegue realizar sozinha e aquilo que, embora não consiga realizar sozinha, é capaz de aprender e fazer com a ajuda de uma pessoa mais experiente (adulto, criança mais velha ou com maior facilidade de aprendizado, etc.). Ou seja, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa e que a aprendizagem é que possibilita o desenvolvimento. A relação mediatizada não se dá necessariamente pelo outro corpóreo, mas pela possibilidade de interação com signos, símbolos culturais e objetos. Um dos pressupostos básicos desse autor é que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro. Para Vygotsky a aprendizagem relaciona-se ao desenvolvimento desde o nascimento do indivíduo, sendo a principal causa para o seu desabrochar.

Piaget (1983) acrescenta que o funcionamento cognitivo estaria ligado a ação, prática ou operativa, no qual caracteriza a interação sujeito-objeto. Assim, a ação prática expressa a existência de um referencial cognitivo, que possibilita uma assimilação dos atributos e características físicas do objeto e a própria construção do conhecimento físico. Por sua vez o conhecimento acaba sendo construído pela abstração empírica, ou seja, por descoberta das regularidades nas propriedades do objeto.

A organização e adaptação são processos que se complementam e que se integram por equilíbrio, que, como ressalta Piaget (1983), compõe o fator primordial do desenvolvimento intelectual, na medida em que regula a integração desses elementos adaptados à estrutura e a sua organização em níveis cada vez mais vastos de equilíbrio.



A noção de equilíbrio abordado por Piaget também, se originam na biologia. Supondo que um estado de desequilíbrio do sujeito em relação ao objeto do conhecimento acaba sendo necessário para que haja interação-construção seja efetivada. Desta forma esse desequilíbrio acaba funcionando como aspecto motivacional do conhecimento e a equilíbrio se constitui como elemento autoregulador da estrutura cognitiva no processo de construção, fazendo que o indivíduo advenha, gradativamente, de um estado de equilíbrio instável, para um estado cada vez mais imutável, culminando com o equilíbrio da inteligência formal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao receber o aprendiz no consultório é preciso primeiramente ter um contato inicial com a criança para verificar as suas possíveis dificuldades de aprendizagem. Se por ventura buscar ouvir primeiro a queixa dos pais, o psicopedagogo poderá ter uma visão errônea das dificuldades do aprendiz. Já que é perceptível que em algum momento os próprios professores tenham os rotulados para os pais, com a finalidade de “solucionar” o problema.

Ressalta Bossa (2002, p. 69)

Do ponto de vista de sua singularidade, o sintoma escolar coloca-nos diante de um impasse ao mesmo tempo em que não podemos silenciar este pedido de ajuda de mal-estar que não encontra outra forma de “se fazer ouvir” também não podemos ignorar suas consequências. A vida da criança da nossa cultura gira em torno da escola, quer ela frequente, quer não. A experiência emocional vivida no contexto da escolaridade tem efeito determinante na formação da personalidade

Ao voltarmos para a questão do sintoma, considerando ele ou não um impedimento para as suas dificuldades, o psicopedagogo em si busca atender as necessidades primordiais do paciente, com base na sua sensibilidade, podendo agir ou não sobre o sintoma. Desta forma, o direcionamento e a interpretação poderiam abranger a problemática escolar, se esta for de fato a questão da aprendizagem da criança.

Os psicopedagogos buscam nas suas intervenções utilizarem o jogo como um dos instrumentos de mediação. Nesse sentido a criança não se vê fazendo uma atividade de maneira mecânica e ainda aprende através dela.

Nesse sentido, Porto (2005, p. 84)

(...)O tratamento psicopedagógico, paralelamente a outros, tem se mostrado de muita valia no que se diz respeito a incursão da criança no meio sociocultural, uma vez que proporciona condições mais tranquilas de escolaridade. São transtornos derivados da vida de relações que apresentam sintomas móveis na infância e na adolescência.



Os aprendentes em alguns casos também poderão apresentar transtornos derivados da vida social de relações que apresentam sintomas móveis na infância. Esses sintomas poderiam ser vistos como mecanismo de defesa e se originam numa situação de conflito, mostrando que há um tipo de sofrimento, e que algo precisa ser resolvido para se tenha êxito no seu desenvolvimento.

O diagnóstico psicopedagógico é um tipo de investigação, ou seja uma pesquisa mais aprofundada do sujeito. Seria portanto uma forma de esclarecimento da queixa, do próprio aprendente, da família ou da escola na maioria dos casos. Nessa investigação não se busca classificar o aprendente em determinadas categorias nosológicas, mas sim ter uma compreensão global da maneira que se aprende e dos possíveis desvios que estão acontecendo durante o processo.

O contato inicial do psicopedagogo com o aprendente é carregado com uma parcela de ansiedade em ambas as partes. É algo desconhecido para a criança e essa chega ao consultório com muitas dúvidas. Neste momento o psicopedagogo buscará um a necessidade de adentrar no desconhecido, no aprendente, na sua família e nas próprias situações de medo.

Após esse momento inicial, o psicopedagogo fará uma anamnese, na qual essa busca ter um conhecimento de todo o histórico da criança, como também a sua trajetória escolar.

Alicia Fernández (1991) sugere uma estrutura técnica diagnóstica, no qual foi denominada de Diagnóstico Interdisciplinar Familiar de Aprendizagem em uma só jornada – DIFAF, ou seja, nesta primeira sessão estariam presentes toda a família, até mesmo os próprios irmãos do sujeito.

Independentemente de como será esse primeiro contato inicial com a família ou com o aprendente, ressaltamos que o primordial é se buscar contribuições para a compreensão do paciente tanto na área cognitiva, pedagógica ou até mesmo na área afetivo-social a partir do contexto geral. Posteriormente a esse momento, será levantada as possíveis hipóteses que poderão ser confirmadas ou negadas na continuidade do diagnóstico. As primeiras hipóteses dará norte a sequencia didática e os recursos e instrumentos que poderão ser utilizados.

O levantamento psicométrico dos testes, pode conduzir uma visão parcialmente com possíveis distorções, é necessário fazer uma avaliação qualitativa durante todo o processo de avaliação a partir dos testes.

A abordagem integradora relacionada aos problemas de aprendizagem devem ser encarada não somente como uma visão teórica, mas sim como uma visão norteadora da práxis. Desse modo, verificamos que esses momentos de prática diagnóstica precisam ser



vivenciados em seus aspectos cognitivos, afetivos, corporais e pedagógicos, ou seja tendo uma visão genética.

As provas e testes psicopedagógicos são nomeadas de: Diagnóstico operatório, testes psicométricos ou técnicas projetivas. O nosso objetivo não é fazer análise de cada item, mas levantarmos questões básicas sob diferentes aspectos de cada teste ou prova.

No diagnóstico operatório podem aparecer dificuldades que estão ligadas a problemas de estrutura cognoscitiva de maneira adequada que permita uma organização maior dos estímulos, a maneira de possibilitar a aquisição dos conteúdos programáticos que são ensinados na escola. A partir de uma perspectiva de uma visão piagetiana, o conhecimento acaba sendo construído a partir da interação do sujeito com o meio, de modo que, a partir do ponto de vista do sujeito, este não pode aprender algo que estaria acima do seu nível de competência cognitiva, mas especificamente, o seu nível de estrutura cognoscitiva.

De acordo com Pain (1985), no momento de organização deve-se levar em conta a criação antecipatória, o aproveitamento dos recursos, a possibilidade de autocorreção, consequência do episódio a coerência do relato, a inclusão de referências verbais. Assim, todos esse aspectos costumam estar diminuídos e exercitar-se de maneira desigual e isto aparece a nível de aprendizagem, como incapacidade para entender reações, formulação de hipóteses, colocar problemas e encontrar-lhes soluções.

Os testes psicométricos precisam ter uma certa cautela por parte do psicopedagogo. Estes só podem ser iniciados quando se há uma boa relação com o paciente. Como também quando se conhece bem a forma de como se aplica e as possíveis respostas para só assim caso queira fazer uma pergunta de aprofundamento. É necessário também controlar qualquer sentimento de ansiedade para se evitar no enquadramento que é exigido durante as aplicações e não tomar atitudes de forma inadequada como por exemplo impaciência ou muita exigência durante a aprendizagem. O psicopedagogo deve registrar as atitudes e os procedimentos do aprendente, como também ocorrências durante o momento de aplicação dos testes.

As técnicas projetivas por sua vez buscam trabalhar de situações pouco estruturadas utilizando estímulos com alta amplitude. As tarefas que são propostas permitem uma certa diversidade das respostas, havendo assim o uso da imaginação, dos desejos e da fantasia.

O sujeito das avaliações psicopedagógicas poderá ser uma criança, adolescente ou até mesmo um adulto, a finalidade de uma avaliação estará ligado por sua vez aos sintomas de aprendizagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma é notável que em nosso meio acadêmico encontramos trabalhos e pesquisas que conseguem finalizar um assunto com êxito. Todavia o desenvolvimento deste trabalho nos leva a perceber que não existem verdades absolutas e isso desperta em nós a vontade de ir mais a fundo referentes aos estudos da área educacional, mas especificamente na mediação psicopedagógica, no qual foi o assunto em que mais nos inquietou desde o momento do nosso estágio supervisionado clínico.

Portanto, é de extrema importância que nós psicopedagogos possamos acreditar mais em nós enquanto profissionais e que busquemos práticas psicopedagógicas que venham contribuir na formação do aprendente. Nós, psicopedagogos, somos responsáveis por minimizar as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem do sujeito. Não é papel do psicopedagogo apontar “ culpados” pela dificuldade de aprendizagem do aluno, mas sim buscar soluções para serem superadas.

A psicopedagogia clínica surge com a necessidade de buscar solucionar uma melhor aquisição de aprendizagem em paralelo a sua realidade escolar, possibilitando análises e ações reflexivas, superando os obstáculos que se intercalam ao pleno domínio de umas necessidades relacionadas a leitura de mundo e ação coerente da evolução e progresso da humanidade.

Compreendemos que a psicopedagogia clínica surge com uma necessidade maior para dar suporte ao enfoque pedagógico. O processo de aprendizagem do sujeito é visto como algo pluricasual, no qual se implicam vários componentes de estruturação, tais como: cognitivas, afetivas, sociais, motores, econômicos e políticos.

O processo de aprendizagem e as suas dificuldades deixam de serem vistas somente no aprendente ou no professor e percebe-se como algo ainda maior que precisam ser supridas com bastante cautela por parte do psicopedagogo.

O psicopedagogo deve ter uma atenção maior para a reação do sujeito diante das suas atividades, buscando considerar as suas resistências, os seus medos, suas angústias como também a ansiedade. O papel do psicopedagogo deve ser pautado no compromisso de promover a autoestima do aprendente, o desenvolvimento, e condições de maturidade emocional para solucionar problemas e amadurecer o ser cognoscente, uma vez que a mediação psicopedagógica deve ser algo dinâmico, os instrumentos de mediação devem despertar o anseio de aprender, o qual uma vez sendo construído será o motor que possibilitará o desenvolvimento.



REFERÊNCIAS

- BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil, contribuições a partir da prática**. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2000
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Art. Med., 2008
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e da sua família**. Porto Alegre: Artes médicas, 1991
- FONSECA, Vitor da . **Introdução as dificuldades de aprendizagem**. 2º ed. Ver. Aum. Porto Alegre, Artes médicas, 1995.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamentos dos problemas de aprendizagem** . Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre, Artes médicas, 1985
- PIAGET, Jean. **Problemas de Psicologia Genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1983.
- PORTO, Olivia. **Bases da psicopedagogia : diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak ed, 2005
- WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clinica uma visão diagnostica dos problemas de aprendizagem escolar**. 2002.